

Seleção e Potencial Ornamental de Espécies Nativas de Restingas do município do Rio de Janeiro

Sato, A¹; Arruda, R.C.O¹; Cordeiro, S.Z²., Soares, J.V.³; Aguilar, J.P.L⁴.

¹Prof. da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Escola de Ciências Biológicas, Dep. Botânica . Av. Pasteur 458, Urca, Rio de Janeiro, RJ- CEP: 22290-240, fone (21): 22445760.

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Vegetal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, CCS- IBCCF, Bloco G, sala G2-050, Cidade Universitária , Ilha do Fundão, RJ CEP: 21941-590, fone (21) 25626643, email: sandrazorat@hotmail.com, ³Graduanda em Ciências Biológicas – UNIRIO, Email: jaquevalverde@yahoo.com.br, ⁴Meristem Biotecnologia Vegetal, Email: meristem@iprj.uerj.br.

Ao longo de aproximadamente 9000 km do litoral brasileiro se estendem planícies arenosas de diversas larguras e que incluem ecossistemas peculiares englobando lagos, lagoas, áreas inundáveis e vegetações com diferentes aspectos. Sobre esses depósitos arenosos desenvolveu-se uma vegetação muito particular e que recebe o nome de Restinga. Em função de sua beleza e peculiaridades, os estudos desenvolvidos com a vegetação das restingas, parte integrante do bioma mata atlântica, vêm sendo realizados desde 1903, por pesquisadores das mais diversas áreas (zoologia, botânica, ecologia, geologia).

As plantas que ocupam essas áreas são afetadas pela salinidade do mar, ventos intensos, ataque de herbívoros. A deficiência de nutrientes é uma característica típica do ambiente arenoso e limitante ao desenvolvimento das plantas da restinga, já que a areia é incapaz de retê-los. Altas temperaturas e falta d'água são outros problemas que as plantas têm de enfrentar já que o lençol freático, nesses locais, varia constantemente. Pode-se perceber que as plantas das restingas são altamente especializadas, e apesar dos vários fatores limitantes, é alto, o número de espécies. Na restinga, as plantas podem se organizar em faixas ou zonas, desde as mais rasteiras até as lenhosas. No primeiro caso, distribui-se as espécies tolerantes a alta salinidade, pois são eventualmente lavadas pela água do mar. A essa faixa, podem se seguir as moitas formadas por palmeiras guriri, cactos, bromélias, orquídeas, pitangueiras, etc., separadas por areia. Em função de sua beleza, plantas de restinga têm sido utilizadas em projetos paisagísticos, proposta muito adequada à edificações e praças de cidades litorâneas. Este projeto tem como objetivo apresentar a potencialidade ornamental e beleza peculiar dessas espécies que muitas vezes passam despercebidas, sendo substituídas, em áreas litorâneas por espécies oriundas de outros biomas ou países.

A metodologia baseia-se inicialmente no levantamento qualitativo: nome vulgar, certificação taxonômica, atributos ornamentais (floração, folhagem) além de estudos da fenologia, com observações e coletas mensais; e, após seleção de espécies, o estabelecimento da cultura in vitro destas plantas. Este trabalho apresenta resultados preliminares, iniciado na restinga de APA de Grumari. As espécies vegetais foram classificadas em arbóreas, arbustivas, herbáceas e lianas. Entre os grupos apresentados como ornamentais, os de maior número de espécie pertencem à família Bromeliaceae (5 espécies); com predomínio de herbáceas (37,8%) e sub-arbustivas (34,3%), cactáceas e lianas. Floração foi a característica mais marcante (61,5%) seguido pela folhagem (44,7%) e frutificação (13,7%).

Palavras chave: potencial ornamental, valorização, conservação, plantas restinga.